

ÉTICA FLEXIBILIZADA

A RAZÃO DOS CÍNICOS

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Outubro de 1994 escrevi um artigo, para a Tribuna - "EU VI A MÃO DO BRASIL". Vaticinei que o então candidato Fernando Henrique já eleito estatisticamente, e não *eticamente*, não encarnava mudança alguma. Expressava na mesma ocasião que queria estar enganado. Hoje não sei se posso continuar alimentando a esperança do engano. Comentava que FH tinha se revelado como candidato, para surpresa minha, e, agora, mais do que nunca como Presidente "eleito", um *Cínico de carteirinha*. Me referia, com evidente respeito crítico, não ao sentido pejorativo do termo mas como alusão a ser ele um protótipo partidário ideológico da escola filosófica cínica fundada pelos gregos Antístenes de Atenas (444-365 a.C) e Diógenes de Sínope (413-323 a.C). Tal escola caracterizava-se pela oposição radical e ativa aos valores culturais vigentes. Oposição nascida do discernimento de que é *impossível conciliar as leis e convenções morais com as exigências de uma vida segundo a natureza*. É evidente que tal movimento filosófico surgiu dos embates naturais entre natureza e cultura e, logicamente, tem um lugar *ético* na história do pensamento. Não enxergo, no caso do Presidente, a mesma base filosófica para suas posturas ideológicas, me parecendo que o que se tornou irreconciliável com as *leis morais*, são aspectos de uma vida segundo sua *própria* natureza como sujeito. Me refiro a aula *inaugural* que o douto presidente realizou no Hospital Sarah Kubitschek onde o palestrante tirando uma carona torta no pensamento do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), acabou inaugurando mais um conceito do *cardosismo* que parece, o próprio FH, não se deu conta e não batizou. O conceito de "*Ética flexibilizada*". A que ponto chegamos? E, por ironia ou por cinismo, palavras proferidas dentro de um hospital. Hospitais que hoje se transformaram em verdadeiras trincheiras de campanhas militares para dar conta, precariamente, de uma saúde devastada pela peste flexível do fisiologismo.

FH procurou, segundo comentaristas, explicar o governo com filosofia. Penso que, na verdade, FH se explicita sem recato. Ao afirmar que a ambiguidade na política é necessária mas não a mentira, ele mente. Mente por que não há ambiguidade em suas condutas, não há imprecisão, indecisão nem equívoco. Não há mais de um sentido. O sentido é único. Como Weber, FH é partidário de um sistema imperial forte, com responsabilidades sociais - talvez nem tão responsável na versão Brasília da receita da República de Weimar - que pudesse estabelecer através de uma liderança carismática (no caso ele mesmo),

uma comunicação com o povo e oferecer-lhe um modelo. A **Führer-demokratie**, como ficou conhecida. Que utilizada de forma desviada acabou por inspirar o odioso III Reich. FH é inequívoco. Sua ética é flexível o suficiente para fazer funcionar seu projeto imperial político-pessoal. Disse: “É claro que, na luta política, com muita frequência se faz uma transposição indevida entre responsabilidade com sentido filosófico, para uma responsabilidade pessoal, como se fosse um deslize pessoal”. É!

Assinalo da sua aula magna algumas passagens de suas passageiras éticas. O Professor falou de uma *ética para ação*, de uma *ética para a reflexão*, de uma *ética da responsabilidade*, de uma *ética política*. Poderia Ter falado também de uma *ética do bandido*. Afinal bandidos não faltam! Nem nas ditas coligações.

Na aula, paradoxalmente, o que Presidente fez questão de esquecer foi mesmo da ética. Ética comunitária de origem. Una e imutável. Que remete ao **ethos** de Heráclito - “*ethos anthropos daimon*” que designava o ato de morar, de se instalar num espaço. Na tradução de Heidegger: “*o homem mora nas imediações dos deuses*”. O professor, com cínica intenção, fez questão de confundir esse ethos morada (com eta longo) com ethos do costume (com épsilon breve) que os latinos chamavam *moris* que originou a palavra moral. A moral é cambiável a ética não. Não há, contrário aos interesses tecnocráticos dos pedros malandros, uma política cambial para a ética. Ética da fonte é uma só!

O homem em sua origem no curso de seu destino relaciona-se com esse ethos morada, morada junto aos deuses. Ou seja, relaciona-se com algo que o transcende e que o impede de auto-referenciar-se no mundo, aliás, vício do douto Presidente. Ética, portanto, distingue-se de moral. Enquanto a moral visa à personalidade individual a ética pressupõe uma “sociedade de seres morais”. O sujeito moral tem sua humanidade reconhecida quando conquista um valor de lugar (ethos) perante o outro, criando, dessa forma, uma consciência de grupo. Confundir, academicamente, os ethos é querer confundir ética e moral. Papel não compatível com o sujeito moral. A ética é esse lugar original do dever que mantém a integridade do grupo humano. É esse princípio fundador. Anterioridade a toda prova e geradora dos valores ancestrais. Ética ancestral que funda e oferece substância ao grupo. A “ética da flexibilidade” de FH parte da indistinção comum de uma modernidade transgressora que confinou a ética à uma consciência individual. Talvez mais um *deslize pessoal*.

Por tudo isso FH não falou de ética. Falou de opiniões pessoais, ou deslizes pessoais. Para FH opinião virou ética. Suas idéias não estão no campo da ética e sim no da retórica que é uma *techné*. Techné que caracteriza seu “real” governo tecnocrático. Não é por acaso que seja incompatível essa natureza pessoal e as convenções morais. Resta,

apenas, o caminho do *cinismo*, já que o do porrete não é seguramente o estilo do Presidente.

Ao rebater a cobranças sobre o dia a dia da administração falou FH: *“essa é a cobrança mais imediata, mais banal, a que mais apaixona e a que menos preocupa a quem tem noção das coisas, (...) simplesmente deleita aqueles que não sabem, que não conhecem o processo histórico”*. É a razão cínica, pois acho razoável que muitos dos seus críticos desconheçam o processo histórico. Foi uma pena que perante tantos médicos não tenha sido criticado, em contrapartida, por desconhecer o processo alimentar e o processo digestivo, entre outros. Ensina a biologia: *o alimento é necessário para a manutenção da vida. Não só fornece energia para as reações químicas dos processos vitais, como também garante as substâncias para o crescimento e reparo dos tecidos vivos. Os alimentos ingeridos passam então pelo processo de digestão que é a transformação que o alimento sofre a fim de ser absorvido e utilizado pelas células vivas.*

O auto intitulado estadista disse: *“em política, quem proclama o que quer, perde. Em certos momentos, o homem de Estado não deve dizer tudo que sabe sob pena de prejudicar o Estado, a nação e o povo”* ou ainda *“o político não deve estar, a cada instante, no púlpito, proclamando a verdade, mas conseguir avançar o processo na direção, nos objetivos que propõe”*.

Embebido de sua *ética tão flexível* FH pode esquecer que entre essas cobranças mais banais, mais imediatas - que, logicamente, não preocupa a ele que tem noção das coisas e do processo histórico - estão em questão o processo alimentar e o processo digestivo. Talvez não se preocupe que não estejam vivos muitos daqueles representantes do povo que sob pena nenhuma, até mentindo, quer ele prejudicar. Talvez, mortos, não possam ver os *“avanços e os objetivos, que como político, propõe”*. Isso definitivamente não seria ético, nem como uma *“ética da ação”*. Não alimenta, não dá para digerir nem mesmo para respirar.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).